



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO CE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

YASMIM VIEGAS MACÊDO MARTINS

**PARA ALÉM DA MORAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA
LITERÁRIA PARA CRIANÇAS**

João Pessoa - PB

2024

YASMIM VIEGAS MACÊDO MARTINS

**PARA ALÉM DA MORAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA
LITERÁRIA PARA CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia, da Universidade Federal da
Paraíba- UFPB, como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Graciele
de Lima.

João Pessoa – PB

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

M386p Martins, Yasmim Viegas Macedo.

Para além da moral: considerações sobre a leitura literária para crianças / Yasmim Viegas Macedo Martins.

- João Pessoa, 2024.

44 f. : il.

Orientação: Maria Graciele de Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Literatura infantil. 2. Criança. 3. Experiência estética. 4. Moral. I. Lima, Maria Graciele de. II. Título.

UFPB/CE

CDU 82-93(043.2)

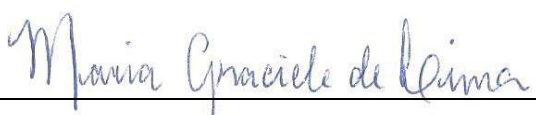
Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

YASMIM VIEGAS MACÊDO MARTINS

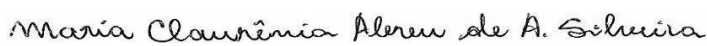
**PARA ALÉM DA MORAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA
LITERÁRIA PARA CRIANÇAS**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

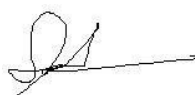
BANCA EXAMINADORA

Assinatura: _____

Prof. ^a Dr^a: Maria Graciele de Lima
(Orientadora)

Assinatura: 

Prof. ^a Dr^a: Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira
(Examinadora)

Assinatura: 

Prof. ^a Dr^a: Maria Emilia Sardelich
(Examinadora)

João Pessoa, 09 de maio de 2024

É com imensa satisfação que dedico a conclusão desta etapa da minha vida ao meu Deus, a minha família e a todos os meus amigos, que motivaram em cada passo do meu processo formativo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que tem sido meu pai e amigo nos momentos mais ansiosos e sombrios da vida.

A minha mãe Maristela que sempre acreditou no meu potencial, e se manteve ao meu lado me alimentando, abraçando e fazendo cafés para os momentos de produção.

A meus avós João e Maria e ao meu Pai George que me ajudaram financeiramente e com boas palavras desde a minha entrada na graduação.

As minhas primas Sara, Isadora e Elôisa e os meus tios Lenúcia e Cristiano que foram meu refúgio nas minhas idas a Natal.

As minhas amigas Débora, Luciana, Sarah, Beatriz, Isabelle, Belle, Isaura, Sara, Gilvete, Rosimar e ao meu amigo Gean que me acompanharam com conversas, risadas, passeios, lágrimas e muita fé.

A minha amiga Bibliotecária Sueleém do Centro de Educação, que enxugou minhas lágrimas em todo o período, além das minhas amigas Mariana e Nathália que me ajudaram nos cafés bibliotecários de todo mês.

A todas as minhas professoras e professores que passaram pela vida escolar, principalmente aquele que me fizeram me encantar ainda mais pelos livros.

À professora orientadora Maria Graciele de Lima, que me manteve tranquila em todo o processo de criação TCC, se mantendo há disposição sempre com um sorriso no rosto.

À professora Maria Emília Sardelich que ampliou minha visão acerca do ensino de artes para crianças

À professora Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira que ampliou o meu repertório literário com livros e que me fez enxergar a literatura de uma forma ainda mais encantadora.

Ao projeto Cultura Literária na Escola coordenado pela professora Daniela Sagabinazi, que foi um divisor de água na minha vida enquanto graduanda em Pedagogia.

“Tal como, algumas vezes, temos de ser obedientes ou literais, e outras necessitamos analisar com exatidão textos científico e acadêmicos, da mesma forma precisamos de ferramentas para fazer leituras livres e transgressoras”. (Yolanda Reyes).

LISTA DE FIGURAS

<u>Figura 01:</u> <i>Drufts 1</i>	35
<u>Figura 02:</u> <i>Drufts 2</i>	35
<u>Figura 03:</u> <i>Drufts 3</i>	36
<u>Figura 04:</u> <i>Meu Crespo é de Rainha</i>	37
<u>Figura 05:</u> <i>Meu Crespo é de Rainha 2</i>	37
<u>Figura 06:</u> <i>Para Que Serve um Livro?</i>	38
<u>Figura 07:</u> <i>Para Que Serve um Livro?2</i>	38

RESUMO

O presente trabalho apoia-se em uma pesquisa bibliográfica. Compara obras literárias infantis produzidas em épocas diferentes, com o objetivo de refletir sobre uma forma mais adequada de usar a Literatura Infantil em sala de aula. O interesse pela pesquisa surgiu após a minha entrada como voluntária no projeto de pesquisa: Cultura Literária na Escola, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Daniela Segabinazi como também as aulas da disciplina de Ensino de Língua e Literatura, no curso de Licenciatura em Pedagogia ministradas pela Prof.^a Dr.^a Maria Claurênia Silveira, quando pude trazer as minhas memórias afetivas à tona da infância até adolescência, as quais têm grande importância na minha trajetória de vida. Deste modo, esta monografia está dividida em três capítulos principais: no primeiro, são apresentadas as bases históricas da Literatura Infantil. As autoras Zilberman e Lajolo (2007) trazem a maior parte das contribuições. O segundo capítulo discute sobre a escolarização da Literatura Infantil e a experiência estética por meio da Literatura, em que Magda Soares (2011), Martins e Picosque (2012), além de Jorge Larrosa (2011) se destacam; já o terceiro capítulo apresenta uma comparação entre obras conhecidas como contos de fadas, colhidos das contribuições dos Irmãos Grimm (2018) e Hans Christian Andersen (2017), e obras contemporâneas de autoras como Eva Furnari (2016), Bell Hooks (2018) e Chloé Legeay (2012), a fim de mostrar diferenças entre leituras literárias cuja moral está muito presente e pode tornar a leitura muito pedagogizante e obras que oferecem maior destaque para a experiência estética. Com base no estudo realizado foi possível concluir que a Literatura Infantil vai na maior parte das vezes trazer uma moral que vai ser escolarizada, contudo o que deve prevalecer é experiência estética que envolve essa Leitura Literária.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Criança; Experiência Estética; Moral.

ABSTRACT

This work was carried out through bibliographical research, making a comparison between children's literary works produced at different times, with the aim of reflecting on a more appropriate way of using Children's Literature in the classroom. My interest in research arose after I joined the research project: Literary Culture at School, coordinated by Prof. Dr. Daniela Sagabinazi as well as the Literature Teaching classes taught by Prof. Dr. Maria Claurênia, in which I was able to bring my emotional memories to the surface from childhood to adolescence, which have great importance in my life path. Therefore, this monograph is divided into three main chapters: the first in which the historical bases of Children's Literature are highlighted, in which the authors Zilberman and Lajolo (2007) bring the majority of the contributions. The second chapter discusses the schooling of Children's Literature and the aesthetic experience through Literature, in which Magda Soares (2011), Martins and Picosque (2012), in addition to Jorge Larrosa (2011) stand out; The third chapter presents a comparison

between works known as fairy tales, collected from the contributions of the Brothers Grimm (2018) and Hans Christian Andersen (2017), and contemporary works, by authors such as Eva Furnari (2016), bell hooks (2018) and Chloé Legeay (2012), in order to show differences between literary readings whose moral is very present and can make reading very educational and works that offer greater emphasis on the aesthetic experience.

Keywords: Children's Literature; Child. Aesthetic Experience; Moral.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A BASE HISTÓRICA PARA A LITERATURA INFANTIL	14
2.1	COMO TUDO COMEÇOU: ORIGENS EUROPEIAS DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA	14
2.2	O INÍCIO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL NO BRASIL	18
2.3	CONTRIBUIÇÕES DE CECÍLIA MEIRELES E LEONARDO ARROYO	20
2.4	O “BOOM” DA LITERATURA NO BRASIL	22
3	A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL: SOBRE A LEITURA DA ESTÉTICA LITERÁRIA	24
3.1	A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL	24
3.2	MAIS ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL	29
4	BREVE ANÁLISE COMPARATIVA DE ALGUMAS OBRAS LITERÁRIAS INFANTIS	32
4.1	CHAPEUZINHO VERMELHO E O PATINHO FEIO: COMO SE TORNA FÁCIL MORALIZAR A LEITURA LITERÁRIA	32
4.2	TRÊS OBRAS CONTEMPORÂNEAS DA LITERATURA INFANTIL PARA UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA MAIS AMPLA	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
6	REFERÊNCIAS	42

LISTA DE SIGLAS

BNCC - BASE NACIONAL COMUM CURRÍCULAR

UFPB – UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

1 INTRODUÇÃO

O Presente trabalho nasceu do meu apreço pela Literatura Infantil desde as minhas primeiras aulas de Literatura na escola, e mais adiante na UFPB nas aulas de ensino Língua e Literatura, que enfoca o ensino de Literatura com a professora Maria Claurênia Silveira. Logo em seguida veio a atuação na Extensão universitária, no projeto Cultura Literária na Escola coordenado pela professora Daniela Sagabinazi, que me fez conhecer e ampliar meu repertório acerca da Literatura Infantil com a leitura de variados livros como também o estudo sobre seus autores e ilustradores. Diante dessas experiências, algumas percepções e perguntas começaram a surgir, voltadas à moral e à experiência estética, que por meio da pesquisa foram sendo sanadas.

Diante disso, entendemos que existem limitações na mediação literária na escola, quando a Literatura Infantil é usada apenas para ensinar algo como por exemplo: a obedecer aos adultos além de reforçar regras estabelecidas pela sociedade. A partir dessa percepção, o propósito deste trabalho é discutir sobre uma adequação escolar da Literatura Infantil, para isso, foi feita uma comparação entre obras de Literatura infantil de diversas épocas, sendo que há algumas dessas obras são fortemente moralizantes e outras que permitem que a ludicidade seja mais presente.

O trabalho é constituído por meio de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa que se divide em três capítulos, o primeiro fala sobre a base histórica da Literatura Infantil e como os livros e as histórias eram constituídas para as crianças da Europa e mais adiante as brasileiras, o segundo capítulo nos fala sobre a escolarização da Literatura Infantil, e o terceiro capítulo nos apresenta exemplos de obras Literárias Infantis de épocas diferentes que nos mostram tanto a moral quanto a experiência estética exposta nos livros, e como elas devem ser consideradas para além da sua carga moral. Assim, as obras de Literatura Infantil, serão aproveitadas, e a experiência estética deve ser seu principal objetivo da leitura. Entretanto, sempre vai existir a didatização dos livros no qual Magda Soares chama de escolarização.

Esse estudo conta com o apoio teórico de Zilberman e Lajolo (2007), para tratar dos aspectos históricos, de Picosque e Martins (2012) para apresentar a estesia, como também Soares (2011) para contemplar a escolarização da Literatura Infantil. Também conta com as contribuições de Larrosa (2011) sobre a experiência. E, por último, traz os textos literários que serviram para exemplificar o que foi trabalhado durante toda a pesquisa.

2 A BASE HISTÓRICA PARA A LITERATURA INFANTIL

O presente capítulo propõe a compreensão dos aspectos históricos da Literatura Infantil, a partir da Europa até a sua chegada ao Brasil. Os principais autores que se fazem presentes na Europa são Perrault (1628- 1703), Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen (1805- 1875). No final do século XIX até o início do século XX pontuam-se as importantes características que marcaram alguns dos principais períodos para a Literatura Infantil, como a Revolução Industrial, que foi importante para muitas mudanças nos mais variados contextos.

2.1 COMO TUDO COMEÇOU: ORIGENS EUROPEIAS DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

O período da chamada Revolução Industrial foi marcado pela colaboração entre família e escola, que era considerada uma das principais instituições nesse período. Esta parceria traz a Literatura para as crianças na Europa e, conseqüentemente para o Brasil, como uma mercadoria. A partir desta visão o mercado livreiro para os pequenos começa a crescer, mas com um olhar moralizante, utilitário e pedagogizante.

No Brasil, a Literatura Infantil surgiu entre o final do Período Colonial e o início da República. Naquele momento, a escolarização e alfabetização das crianças no país crescia, assim, os livros aumentavam de produção, e as crianças avançavam nas leituras. Entretanto, a ideia de educar as crianças era a principal voz que ecoava nesse período, no qual o livro é usado de forma utilitária, ou seja, com o intuito de sempre ensinar ou passar algo aos pequenos como o amor à pátria, a família e aos bons costumes. Todavia, essa visão completamente moralizante é mudada por meio de obras como do autor Monteiro Lobato (1882-1948) que traz mudanças na forma de escrever para crianças, com criações imaginativas e críticas aos costumes da sociedade vigente, ele marca a Literatura Infantil no Brasil. Outra importante autora na Literatura Infantil é a autora Cecília (1901-1964), que se preocupava com os problemas encontrados nesse meio da arte literária para crianças.

Assim, destacamos também no presente capítulo o papel das ilustrações que devem ser vistas com a mesma relevância que as letras nos textos, pois de igual modo tem sua importância no processo de alfabetização das crianças em que a Literatura Infantil é um dos principais meios para que esse conhecimento e essa sensibilização cheguem desde muito cedo aos olhos dos pequenos. Dessa forma eles enxergam além de uma simples imagem, mas também passam a interpretá-la. Assim, finalizamos referindo os novos paradigmas que

trazem e pontuam um novo olhar sobre a literatura em que a arte passa a compactuar com a ciência, e começa a ser vista com outro olhar.

De acordo com Regina Zilberman no seu trabalho *Literatura Infantil Brasileira*, & *Literatura Infantil* (2007), na primeira metade do século XVIII começam a aparecer no mercado livreiro obras voltadas para o público infantil. Mas, continuamente privilegiando as características educativas. Portanto, à medida que os livros para o público infantil se multiplicavam, os mesmos passavam a trazer as ilustrações em suas páginas, além dos textos que já eram comuns. O primeiro “surto” literário acontece com o escritor Charles Perrault, com o livro: *Os contos da mamãe Gansa* “cujo título original ou narrativas do tempo passado com moralidade” (Lajolo e Zilberman, 2007, p. 14).

No período da Revolução Industrial, período esse em que a Burguesia cresce e é sustentada pela família e a escola, essas instituições fazem uma mediação entre a criança e a sociedade. É a partir deste cenário de revolução na sociedade que a Literatura Infantil passa a se tornar uma mercadoria, todavia, essa mesma Literatura depende da escolarização da criança e isto que a em uma posição subsidiária no que se refere à educação. Por consequência por muitas vezes acabou-se adotando posturas moralizantes, pedagogizantes e utilitaristas.

Dessa forma, principalmente para a burguesia, classe que tinha o interesse de endossar valores estes que a beneficiavam, a Literatura Infantil seria usada como objeto de controle para educar toda uma sociedade. Consequentemente, na maior parte das vezes eram os adultos que detinham esse poder para com as crianças. Assim, eles passavam uma visão completamente deturpada de sociedade para os pequenos, que passavam a enxergar o mundo ao seu redor com um olhar completamente distorcido e nada emancipatório.

No século XVII Charles Perrault coleta alguns contos da Idade Média como também lendas, e faz adaptações para que assim pudessem ser ouvidas pelas crianças, igualmente pela realeza da corte de Luís XIV. Perrault eliminou ao máximo passagens com cenas obscenas, que tivessem canibalismo, incesto ou até mesmo cenas de sexo. Essas mesmas adaptações ficam conhecidas como “contos de fadas”, como “Chapeuzinho Vermelho” e “Cinderela”. Já no século XIX a coleta era realizada na Alemanha pelos irmãos Grimm, com “João e Maria”, “Rapunzel” e logo em seguida com o dinamarquês Hans Christian Andersen trazendo “O Patinho Feio” e “Trajes do Imperador”.

Charles Perrault se preocupava com o didático e a relação do mesmo com o popular. A sua coleção de textos se tornou uma das mais célebres na França, entretanto, era um dos

mais referidos e menos comentados pelos críticos literários. Seus textos traziam um teor interdisciplinar que não se restringem apenas à Literatura, mas a outras áreas como a Sociologia, Psicanálise como também o Folclore. O seu trabalho é realizado após as Frondas que foi um movimento popular na França contra o governo absolutista de Luís XIV. Os contos chegam a Charles Perrault por meio da plebe, ou seja, pelos servos que compunham a vida doméstica, apesar do mesmo desprezar as classes mais populares como também a sua cultura. É preciso destacar que os momentos vividos eram de tensão entre a plebe e a burguesia, como também entre os católicos e os protestantes. Entretanto, Perrault aborda o sarcasmo em relação às histórias trazidas pelo povo, além das superstições que eram encaminhadas pelos mesmos, e assim por ele ser considerado um homem culto ironizava essas histórias.

Assim, existe um distanciamento da realidade das suas obras, sempre trazendo todas de uma forma depreciativa, com cenários de precariedade. Entretanto, seus personagens sempre saem triunfantes na maioria dos contos, o que traz um certo alívio para esses camponeses, como também uma fuga da realidade que viviam no antigo regime de Luís XIV. Contudo, a maior parte desses contos tecidos por Perrault, tinham um ar majestoso e de sofisticação para mostrar como viviam os nobres da época. Todavia, estudos atuais confirmam que essa não era a verdadeira realidade, apesar dos contos registrados por Perrault endossarem esta visão.

Dessa forma, os contos de Perrault crescem em meio ao século XVII e XVIII que foi marcado por um contraste social e econômico muito evidente, em que se reflete numa grande repressão religiosa em que o cristianismo obrigatório se mistura com o paganismo já comum, e assim os deuses já comuns se transformam em santos. Dessa forma, nesse contexto o folclore entra trazendo as manifestações artísticas como danças, músicas e cerimônias que se traduzem nos contos por meio da magia e do mundo maravilhoso.

As crianças desse período eram vistas como adultos em potencial, ou seja mini adultos, pois a concepção de infância ainda estava se consolidando nesse contexto em que os contos de Perrault começavam a ganhar força, e assim as crianças só teriam acesso à realidade adulta quando chegassem lá. Entretanto, as adaptações de Perrault fizeram essa ponte entre o mundo dos mais velhos e dos mais novos, de forma didática. As adaptações usam o conceito que a mentalidade da população estava para em igualdade com a das crianças, essa aproximação acontece pela questão social que diz respeito ao povo e da criança que diz respeito à idade.

O tipo de Literatura que Perrault trazia já era lida e escutada sob duas formas, pelos jesuítas e pela vertente popular com ditos e provérbios, que eram de fácil interpretação pelos pequenos. Pontuamos que os contos folclóricos não eram destinados à infância e sim ao público adulto, contudo, com as adaptações pedagógicas e os textos passam ser voltados para as crianças, principalmente pelo fato de que afinal de cada narrativa era introduzida sob a forma de versos a moral da história, como a história da “Chapeuzinho Vermelho” que quebra a regra estabelecida pela mãe em que a personagem é punida com o vilão, o Lobo mau. Os textos maravilhosos ou humorísticos e os contos antes de serem coletados eram completamente destituídos de ideias moralizantes. Com a luta da reforma e contrarreforma, e sobretudo após os movimentos de Frondas, tornou-se necessário o educar e controlar as massas, por causa das ameaças ao poder vigente nesse período, as atitudes em relação ao povo eram paralelas em relação à criança, assim, podemos entender até mesmo como um reflexo, e consequentemente a domesticação dos contos pelo contexto existente falava mais alto.

Um século após Perrault, surgem os irmãos Jacob Grimm e Wilhelm Grimm mais conhecidos como os irmãos Grimm, os dois eram de uma família extensa, entretanto após a morte do pai eles passaram por muitas dificuldades, indo assim morar com a sua tia, por meio dela tiveram contato com manuscritos históricos e acervo particular por meio de um professor, assim passaram a se familiarizar com as obras do romantismo e com as cantigas de amor medievais. Ganhando a vida como bibliotecários foram contratados por alguns escritores para o projeto de umas das suas obras, por meio deles tomam conhecimento de obras como as de Giambattista Basile (1583-1632), em que reunia diversas histórias da oralidade popular da Itália, mesmo antes de Perrault na França, as narrativas dos Grimm vinham de fontes impressas, publicações de jornais da época, além de registros colhidos dos seus amigos e conhecidos, uma das pessoas que mais contribuíram nessa fase foi Katharina Dorothea Viehmann (1755-1815), uma mulher culta que via constantemente para vender lhas frutas e verduras, ela ficou conhecida como a mulher dos Contos de Fadas, o total de contos colhidos por meio dela foi de 40 contos.

Os Irmãos Grimm não alteravam as narrativas, contudo faziam uma seleção das histórias, sempre conservando a versão original, e assim entre 1812 até 1857, os contos foram sendo revistos e recebendo alterações pedagógicas para que assim chegassem ao público infantil, sempre trazendo valores cristãos que moldaram a população da época. O diferencial dos irmãos era o aumento das descrições, sempre substituindo expressões

desajeitadas ou repetitivas fazendo com que os contos se tornassem mais uniformes e coerentes, se moldando ao que seria um típico conto de fadas. Em 1805 nasce Hans Christian Andersen (2017), esse escritor diferente dos seus antecedentes vem de uma família muito pobre, ou seja, as histórias que escrevia eram autobiográficas, que traduziram experiências diretas ou indiretas da sua infância como por exemplo a história de “O Patinho Feio”, principal marca de Andersen. Os seus contos revelam de forma muito delicada o lado triste e sombrio da vida, assim “escreveu com ternura, sem pieguices e, realista que foi, não omitiu traços da violência que parecem inerentes à vida. Violência ou injusta contra os desvalidos: eis o que o tocou mais fundo”. (Coelho apud Radino, 2023, p. 87).

A maior parte dos contos de Andersen (2017) são tristes e muitas vezes não eram oferecidos às crianças, contudo alguns dos seus contos são adaptados como é o caso de “A Pequena Sereia”, outro ponto a se destacar é que em suas adaptações para os pequenos a moralidade é encontrada de forma sutil, diferentemente da maioria dos contos de fadas que doutrina de forma explícita. Hans Christian Andersen (2017) foi consagrado o precursor da Literatura Infantil, e dia 2 de abril dia do seu nascimento é considerado o dia Internacional da Literatura Infantil.

2.2 O INÍCIO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL NO BRASIL

Conforme já foi mencionado a Literatura Infantil surgiu entre dois períodos bem importantes para o País, que foi no final do Período Colonial e início da República, contudo, regido por um militar, a urbanização e o novo modelo econômico trazem o momento ideal para o surgimento da Literatura Infantil, já que a escola começa a ser uma das instituições principais desse estilo social que surgia. Assim, as campanhas de instrução pela alfabetização davam impulso e prestígios para tornar o Brasil um país consumidor de Literatura Infantil. A valorização pela escola aumentava cada vez mais e simultaneamente a preocupação por um material adequado crescia, conseqüentemente os livros direcionados às crianças deslancharam. Silvio Romero (1851-1814) aponta por volta de 1880 do século passado a precariedade das condições de sua alfabetização:

Ainda alcancei nas aulas de primeiras letras aprendia se a ler velhos autos, velhas sentenças fornecidas pelo cartório dos escrivães forenses. Histórias detestáveis e enfadonhas em suas impertinentes banalidades eram nos administráveis nestes poeirentos cartapácios. Eram como clavas a nos esmagar o senso estético, a embrutecer o raciocínio, a estragar o caráter. (Lajolo, Zilberman, 2007, p. 26).

Como se pode constatar no trecho apresentado, a maior parte dos escritos voltados as crianças eram detestáveis e enfadonhos, por esse motivo muitas histórias foram traduzidas e adaptadas, pois todo acervo literário infantil brasileiro era europeizado, uma das primeiras traduções feitas foi a de “O Patinho Feio” de Christian Andersen. Assim, considerando que a maior parte do acervo era todo europeu passou a existir muitos programas de nacionalização da literatura, contudo, a produção de livros nesse período se dava como uma tarefa altamente patriótica, além disso nos livros a grande lição a ser passada era sobre o patriotismo, o amor à família, como também o respeito aos mais velhos, a edificação aos mestres e à escola, além da piedade pelos pobres e fracos, virtudes civis e noções de obediência.

Os textos desse período trazem a criança de forma estereotipada e sempre em situações de aprendizagem. Portanto, na década de 1930, houve um grande aumento na produção literária, devido às mudanças na sociedade e na grande industrialização de todo o território brasileiro. Nesse período, assim como os outros setores, a educação também passava por mudanças, o que acabava repercutindo na Literatura Infantil. Nesse momento a Literatura Infantil Brasileira inicia sobre a base de um dos nossos mais destacados escritores, Monteiro Lobato, trazendo *Reinações de Narizinho* em 1931 no qual todo o enredo da história é reflexo do que o Brasil vivia durante esse período, como o ambiente rural, a postura autoritária dos adultos, a democracia, a política econômica, a infantilização da criança, além de todo o sentimento patriótico que deveriam ser copiados pelos pequenos leitores, e com o do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* em que se modifica a percepção da sociedade em relação ao olhar sobre seus leitores e sobre o Brasil.

Assim, em nossa formação história aparecem vestígios de duas culturas a Europeia e a Brasileira, todavia a nossa ficava mais segregada em relação aos outros países da Europa, ou seja, a nossa cultura não era vista com bons olhos e assim se desenvolvem dois tipos de cultura, uma voltada ao estilo aos valores europeus e outra aos valores brasileiros. O que mais se destaca é que uma é a livresca e a outra é a gráfica, tudo o que era de boa fama e que era considerado civilizado e cristão vinha de fora, ou seja, de outros países, a cultura do nosso país era importada de outros países, os intelectuais da época tinham essa função de importar, o indianismo mostra muito bem esse distanciamento dos escritores brasileiros das suas raízes. Por muito tempo esses escritores estiveram afastados do seu povo em linguagem e ideias.

Apesar das muitas dificuldades que a Literatura Infantil tem sofrido, principalmente com o distanciamento literário, foi nesse período da modernização e industrialização entre a

década de 1930 a 1950, que a indústria de livros se solidificou gerando uma maior expansão e solidificação da leitura no país. Mas foi a partir da década de 1960 que programas voltados para o fomento da leitura e da discussão sobre Literatura Infantil começam a surgir, somente a partir de 1970, temas considerados tabus por um esforço programado começam a reverberar. Entretanto, o modelo de ensino burocrático e profissionalizante ganha força, enfatizando a formação do técnico de nível médio e favorecendo o ensino superior. Nesse novo contexto a Literatura Infantil tem traços da manutenção de velhas tendências quanto um esforço renovador. Assim a narrativa infantil mais significativa adere à temática urbana fazendo-se porta-voz de denúncias da crise social no Brasil.

Monteiro Lobato é o escritor brasileiro que descobre o exótico em seu país, e sua obra é considerada nacionalista, assim como a de muitos escritores desse período. Contudo o seu diferencial está nas suas inquietações diante do cenário em que vivia. Muitos de seus personagens representam várias características consideradas naquele contexto como a estagnação, o marasmo, o pitoresco, a precariedade da vida nacional, além das arbitrariedades de poder, a aceitação passiva dos ideais, como também o comodismo. Um exemplo desses personagens é o Jeca Tatu, um exemplo de personagem que não atendeu às expectativas do público da época. Monteiro Lobato foi um crítico da sociedade em que vivia, por meio dos seus livros ele denunciava questões sociais, como saúde pública, educação e desenvolvimento econômico, em suas obras mostrava a realidade do país. Portanto, sua insatisfação não se restringe aos seus livros, pois na prática Lobato fundou empresas que pudessem gerar prosperidade ao país por meio do petróleo e do ferro como a Cia Petróleos do Brasil, Cia de Petróleo Nacional e Cia Matogrossense de Petróleo. Assim, podemos perceber que a sua inquietação diante da realidade do país era completamente visível, não só por meio da Literatura, mas também de forma mais concreta por meio da fundação de suas empresas.

Monteiro Lobato rompe o ideal de bom moço da época por meio da Literatura, pois não aceitava seguir o que já vinha sendo imposto pelas ideias vindas da Europa. Ele tinha um outro sistema e modelo a propor e foi isto que o marcou, e o fez tornar-se um escritor reconhecido na Literatura Infantil Brasileira. Lobato enxergou seu leitor como um agente ativo de mudanças na sociedade, contrariando todo o universo moralista que as produções literárias infantis traziam e que enxergavam a criança como um mero reproduutor de atitudes ditadas pelo adulto.

2.3 CONTRIBUIÇÕES DE CECÍLIA MEIRELES E LEONARDO ARROYO

Uma das vozes bastante importantes da Literatura Infantil Brasileira Cecília Meireles, colaborando para que os interesses utilitários não sejam mais o centro de interesses quando se trata da Literatura direcionada às crianças ela pontua que a verdadeira Literatura Infantil são os textos eleitos pelas próprias crianças, todos os autores após Lobato incluindo Cecília Meireles convergem para o ponto em que a Literatura extrapola os limites do utilitarismo.

A leitura voltada à criança foi um tema recorrente nos discursos da autora, que se preocupava com esse universo e com os problemas encontrados nele. Dessa forma, é importante mencionar o seu trabalho que se volta a esses obstáculos, *Problemas da Literatura Infantil* (2016) pois para Cecília Meireles era importante a ênfase às concepções de educação e infância. Para ela, crianças gostam de histórias que têm riqueza de conteúdo humano, o livro infantil precisava ser uma obra literária antes de mais nada, como alguns escritos por Cecília Meireles como *Ou isto ou aquilo* (1964), *O menino Azul* (2004), *A festa das Letras* (1937), *Janela Mágica* (1981), entre tantos outros. A mesma proferiu palestras com o intuito de sensibilizar os professores com a ideia de que “Se a criança, desde cedo, fosse posta em contato com obras primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito” (Cademartori, 2010, p. 72). Uma das formas de colocar os pequenos nesse contato direto são as bibliotecas infantis como Cecília Meireles nos pontua no seu trabalho *Problemas da Literatura Infantil*.

As bibliotecas infantis correspondem a uma necessidade da época, e tem a vantagem não só de permitirem a criança uma enorme variedade de leituras, mas de instruírem os adultos acerca das suas preferências. Pois pela escolha feita, entre tantos livros postos a sua disposição a criança revela o seu gosto, as suas tendências, os seus interesses” (Meireles, 2016, p. 82)

Ou seja, é por meio das bibliotecas e do contato com os mais diferentes tipos de obras que a criança começa a compreender as suas preferências, pois, a Literatura Infantil abarca uma infinidade de opções que uma biblioteca Infantil proporciona, e sem esse acesso os seus interesses podem ser altamente reduzidos.

Assim, Lygia Cademartori também encontra e pontua alguns problemas na Literatura Infantil, como a ausência do cuidado com o educar, a não percepção da criança como um ser singular com muitas potencialidades que merece ser respeitado e escutado, e o grande interesse mercadológico por parte de autores que a antecedem. Leonardo Arroyo importante educador fala sobre a Literatura da seguinte forma:

A natureza da literatura infantil, o seu peso específico, é sempre o mesmo e invariável. Mudam as formas, o revestimento, o veículo de comunicação que é a linguagem. A fábula de Esopo é imutável desde seu nascimento e desde que consagrada pelo único critério válido em literatura infantil – o gosto do leitor infantil – permanecerá despertando interesse até o fim do mundo. Esta realidade específica não pode ser confundida com exercícios intelectuais ou pedagógicos estritos, fórmulas de moral ou de pureza gramatical, variáveis em suas vinculações históricas. Deixa-se bem claro o valor fundamental do gosto infantil como único critério de aferição da literatura infantil (Arroyo, 1990: p. 25 apud Bortolanza, 2011, p. 6)

Assim, compreendemos que o valor da Literatura Infantil está no valor que a criança dá para ela. A avaliação principal e primordial é feita pela criança, que é o principal destinatário da Literatura Infantil assim pontua Cecília Meireles nas suas conferências para professores que traz a criança na condição de leitora proficiente. A autora acredita que por meio da Literatura Infantil pode existir uma universalização da arte literária, na esperança de que se os pequenos se entendessem talvez os homens não se hostilizassem. Cecília Meireles também pontua que os críticos da Literatura Infantil devem ser a criança e não o adulto.

Outro importante autor que compactua com as ideias de Cecília Meireles e as complementa é Leonardo Arroyo. Ele acredita que por meio da Literatura infantil a criança adquire uma noção de haver uma necessidade mais bela do que a do cotidiano e por meio das leituras vai se apropriando do universo mágico como também da realidade.

Portanto, sabe-se que por meio de estudos de Arroyo os enredos extraídos da tradição oral dos contos populares têm laços bem firmes entre fruir e moralizar via arte literária. O livro de histórias da avozinha que se encontram na livraria Quaresma mostra no prefácio da sua primeira edição que as histórias da avozinha são agradáveis passatempo aliado a lições de moralidade.

2.4 O “BOOM” DA LITERATURA NO BRASIL

A Literatura Infantil é fundamental na construção da personalidade da criança além da descoberta pela arte. A criança por meio da literatura tem a possibilidade de conviver com a riqueza de imagens. As ilustrações funcionam como parte enriquecedora dos livros, como parte da beleza do mesmo em que ajudam na hora da contação de histórias, as ilustrações chamam atenção dos pequenos por suas cores, formas e tamanhos. A arte de um livro, ou seja, a sua capa e demais ilustrações são tão importantes quanto a sua história. O entendimento da leitura está não somente nas palavras como também nas suas ilustrações. As duas são artes diferentes que têm sua importância na leitura literária. Essa leitura de imagem

deve acontecer desde cedo para que assim as crianças não tenham tanta dificuldade na adolescência ou na vida adulta.

Contudo, muitos colocam a leitura de palavras acima de leitura de imagens, todavia é preciso de experiências para que se possa fazer uma boa leitura de imagem, afinal muitas delas não são interpretadas à primeira vista. Diante disso há uma necessidade urgente de alfabetização por meio da imagem. É necessária uma atenção, à como crianças e adultos atribuem sentidos às imagens pois vivemos em mundo cheio delas, o tempo todo estamos sendo bombardeados pelos mais diversos tipos de imagens.

O “boom” da literatura infantil no Brasil acontece nos anos de 1960 quando se multiplicaram as instituições como também os programas voltados para o fomento da leitura e da discussão sobre a Literatura Infantil no país, e a partir deste mesmo período que imagens nos livros de Literatura infantil começam a ganhar destaque. A imagem tem pontos importantes dentro dos livros infantis e na contação ou na leitura de livros para crianças, a primeira delas é a narratividade, a segunda é o seu caráter descritivo, apesar de a imagem ir muito além de uma simples descrição. O terceiro e último ponto é a relação imagem com o verbo. Outro ponto que quero destacar é a relação da imagem com o imaginário infantil, a imagem nos livros infantis dá vida à imaginação das crianças.

Dessa maneira, as ilustrações têm um papel na vida das crianças mais que importante. A Arte Literária com o passar do tempo ganha um novo olhar, um novo paradigma é posto, a arte literária compactua com os exercícios da razão e a experiência estética como também um universo sensível a reflexões, além de intertextualidade, metalinguagem confluências de códigos, resgate de formas, diálogo entre palavras e imagens fazem o leitor assumir um posicionamento menos ingênuo acerca da Literatura Infantil.

3 A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL: SOBRE A LEITURA DA ESTÉTICA LITERÁRIA

Após o contexto histórico apresentado anteriormente, em que a Literatura era algo apenas para adultos e precisou ser adaptada para que as crianças pudessem fazer contato com ela, a mesma passa a ser mais divulgada entre as crianças, gerando assim um novo olhar sobre a leitura literária. Entretanto, essa leitura era apenas feita para educá-las a se encaixar nos padrões estabelecidos de moral e conduta estipulada pelos adultos.

No presente capítulo vamos dialogar sobre o aspecto estético e o quanto a Literatura Infantil tem sido tratada de modo apenas utilitário. Quando constatamos o que Magda Soares chama de escolarização inadequada da Literatura Infantil percebemos o quanto é importante refletirmos sobre o assunto. A escolarização inadequada traz consigo o utilitarismo que prejudica a leitura literária, tornando-a reduzida. É importante entender que a escolarização é inevitável na Literatura, contudo ela não pode ser feita de qualquer forma. Os textos usados e sua seleção é parte fundamental nesse processo, os textos recolhidos da Literatura e passados para os livros didáticos de forma alterada muitas vezes prejudicada os educandos. Outro ponto importante do capítulo é a discussão sobre a experiência de leitura dos textos literários pois a experiência sempre vai ser única, subjetiva e transformadora para cada criança.

3.1 A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL

Desde o seu surgimento, a Literatura Infantil é marcada por uma função utilitária e pedagógica. Esse papel domina a produção de Literatura para crianças. Assim, dentro de todo o contexto da Literatura Infantil algumas obras têm o intuito de ensinar a crianças lições sobre a vida, a obediência e o respeito aos mais velhos. Dessa forma, elas sempre se encontram em situação de aprendizagem; na maior parte dos textos, além de sempre serem colocadas de formas estereotipadas, nunca mostrando como elas realmente são, mas como deveriam ser.

Dessa maneira, as práticas pedagógicas podem ser usadas como meio de adequar o literário às fases da infância, e o livro é usado como mais um produto por meio do qual os valores sociais são veiculados, criando assim na mente das crianças hábitos associativos que aproximam as mesmas de situações imaginárias gerando desse modo comportamentos e crenças desejadas na vida prática. Entretanto, “A literatura é essa ferramenta: literatura não se faz com boas intenções, não tem compromisso com modismo, não é pra dar lições de vida, e muito menos para reforçar conteúdos escolares.” (REYS. 2021, p. 9). Anteriormente é

exposto na citação de Reys que a Literatura não se faz com boas intenções ou com modismo, ou seja, ela não foi gerada para ensinar apenas e nem pra ser algo bobo com pouca qualidade, pois muitos materiais são feitos sem muito conteúdo, porque acreditam que as crianças só vão conseguir entender o básico e por isso que muitos materiais assim ainda circulam.

Portanto, na prática da sala de aula existe inevitavelmente, uma escolarização da Literatura Infantil. De acordo com Magda Soares, sempre foi atribuído a Literatura Infantil um caráter formativo e educador, no entanto a estudiosa afirma que:

portanto não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, como dito anteriormente, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la porque isso significa negar a própria escola. (Soares, 2011, p. 5).

De acordo com as palavras de Soares, a escolarização ainda é vista como algo negativo por muitos. Desse modo, não podemos negar que existe uma Literatura escolarizada, pois negar essa escolarização como explica ainda Magda Soares, é estar negando a própria escola, pois não só a Literatura, mas os mais vastos saberes e conhecimentos são escolarizados. Assim,

o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura. Que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desconfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (Soares, 2011, p. 6).

A partir das palavras de Soares, entendemos que a escolarização existe e não é algo que podemos negar, todavia podemos no processo fazê-la da melhor forma possível.

Portanto, Magda Soares esclarece que existem três instâncias que dominam a escolarização da Literatura como a “biblioteca escolar”, a “leitura” e “estudo dos livros de Literatura”, a maior parte desses estudos de Literaturas são feitas nas aulas de português com o livro didático desse mesmo componente. O material que é usado grande parte do tempo pelos alunos, que via de regra têm o primeiro contato com histórias em quadrinhos, poesias, biografias, como por exemplo o diário e como tantos outros gêneros que muitas vezes trazem fragmentos que normalmente não são vistos na sua forma estética e sim de uma forma utilitária. Dessa forma, esses trechos são lidos, compreendidos, interpretados, a partir destes pontos citados que compreendemos uma escolarização errônea da Literatura. (Soares, 2011)

Existem alguns pontos que poderiam ser feitos de forma mais adequada como, a transferência de textos de seu suporte literário para o seu suporte didático, como também a

seleção de fragmentos, de gêneros, autores e obras, como também as intenções da leitura dos textos. A poesia é um ótimo exemplo de gênero literário que na maioria das vezes é descaracterizado, já que o foco que é posto é voltado somente nos seus aspectos formais como os conceitos de estrofe, rimas, ou para fins ortográficos e gramáticas. O gosto pela leitura, pela parte lúdica, sonora e estética são completamente despercebidas pelas crianças já que as mesmas não são estimuladas muitas vezes por seus professores a essas percepções tão importantes para que assim o gosto pela Literatura seja aguçado. (Soares, 2011). Dessa forma,

é preciso reconhecer e reafirmar o que se disse anteriormente: não há como não alterar o texto, ao transportá-lo do seu suporte próprio – neste caso, o livro de literatura infantil- para o suporte escolar – o livro didático: no entanto, é preciso fazê-lo respeitando o que é a essência caracterizadora do texto, é preciso fazê-lo sem distorcer, desvirtuar, desconfigurar; em síntese : se é inevitável escolarizar a literatura infantil, que essa escolarização obedeça a critérios que preservem o literário, que propiciem a criança a vivência do literário, e não de uma distorção ou uma caricatura dele. (Soares, 2011, p. 28.)

Assim, como dito anteriormente, o literário deve ser preservado pelos profissionais que permeiam as salas de aula, assim, o uso do estético como também as expressões possam trazer a diversão, a emoção e o prazer para o contato com os textos em sala, e assim os pequenos não criem uma aversão e resistência ao livro e as leituras.

Para abordar o assunto sobre a escolarização da Literatura Infantil, e ir a diante na discussão sobre como é feita uma adequada escolarização da leitura literária, um conceito importante a ser levado em consideração é de estesia proposta pela BNCC que se traduz na capacidade humana de perceber e reagir aos estímulos do ambiente. A BNCC reconhece a estesia como uma das dimensões do conhecimento em arte, mas não está presente somente no modo de conhecer arte, mas conhecer o mundo, em palavras de Paulo Freire. Essa atribuição de sentidos ao qual se vive. No qual o sentir e perceber-se sentindo é mostrado por meio de um olhar reflexivo e conseqüentemente o conhecimento que decorre desta experiência, a experiência sensível de uma leitura literária vai ser perceptiva por todos os sentidos corporais, são esses sentidos que vão levar as crianças a uma experiência estética. Contudo, para que aconteça uma experiência existe a necessidade de se estar aberta a ela. Entretanto, muitas vezes ela acontece no inesperado, e existe a experiência estética para a qual a pessoa se prepara, essa última é a mais lógica para o ambiente de sala de aula, já que o professor(o) professor(a) pode por meio dos mais variados meios preparar as crianças

anteriormente no ambiente escolar, ampliando seus sentidos e oferecendo a liberdade de experimentação sem julgamentos.

De acordo com Gisa Picosque e Mirian Celeste Martins, em seu trabalho intitulado: *Revelações do corpo: estesia, conhecimento* (2012), o saber dos sentidos é algo de extremo valor, já que por meio dele que o corpo suscita uma poética de absoluta singularidade a experiência com o sensível pode ser vivenciada das mais diversas formas, e uma delas é a Literatura Infantil. Por meio dela, abrimos possibilidades para os reconhecimentos dos sentidos e termos novos hábitos de pensamento, dessa forma entendemos que “Somos preparados biologicamente para sermos sensíveis, para roçar o mundo com nossos órgãos dos sentidos transformando essa coleta sensorial em informações para gerar processos cognitivos” (Picosque, 2012, p. 35.). Dessa forma de acordo com Picosque e Martins a nutrição estética deve acontecer dentro da sala de aula, não somente nas aulas de artes, mas também por meio da leitura literária. Contudo as autoras mencionam que a nutrição estética na escola é responsabilidade do docente.

A ideia de experiência está completamente vinculada a sensibilidade que Picosque e Martins nos trazem que para experienciar algo a criança precisa ser sensível dentro da vivência. A experiência que cada criança tem com a leitura vai ser subjetiva. De acordo com Larrosa, “o princípio da subjetividade” supõe também que não há experiência de ninguém, que a experiência é sempre experiência de alguém ou, dito de outro modo, que a experiência é para cada um, a sua, que cada um faz ou padece sua própria experiência, e isso de um modo único, singular e particular próprio” (Larrosa, 2011, p. 7). Por meio das leituras o aluno tem a experiência que o forma e o transforma.

Contudo, é importante entender que a experiência é um lugar de passagem. Quando a criança experiencia uma leitura literária, ela deixa rastros, vestígios como também marcas, muitas vezes por toda uma vida. Contudo para que a criança se sinta instigada a experienciar a leitura é preciso que "o texto tem que ter algo de incompreensível para mim, algo de ilegível. De todo modo, o decisivo, desde o ponto de vista da experiência, não é qual é o livro, mas o que passa com sua leitura" (Larrosa, 2011, p. 9). A leitura precisa trazer subjetividade, precisa perpassar o indivíduo para que exista transformação. Tem a compreensão, mas não tem a experiência. A minha leitura precisa ser reflexiva.

Entretanto, a criança é vista por toda a sociedade como alguém mais vulnerável, frágil, como também mais fácil de ser controlado, assim, os mais velhos usam disso para controlarem a forma como esses pequenos enxergam o mundo. Contudo, essa visão na

maioria das vezes não é emancipatória, dessa forma, os pais, a escola, as bibliotecas e o próprio mercado editorial são agentes que controlam e dificultam a criança a decisão do que ler e como ler, ou seja a criança acaba criando uma barreira em relação à leitura, o que acaba fazendo com que ela tenha ideias distorcidas sobre a mesma durante toda a sua trajetória de vida, até mesmo levando isso para a vida adulta, por isso não é muito difícil encontramos crianças falando a seguinte frase “ Eu odeio ler!,” e quando é perguntado o motivo ela diz que ela foi proibida de ler tal e tal livro, pela família ou pela escola, ou por que determinado assunto não era pra ela, e esse mesmo discurso do ódio pela leitura , se permeia até chegar a vida adulta.

De acordo com o hino nacional colombiano, em que fala “O dever antes da vida”, ou seja, primeiro a parte mais difícil, e só assim depois virá o prazer, Yolanda Reys em sua obra *Ler e brincar, tecer e cantar* (2021) Literatura escrita e educação, nos fala que pensar dessa forma pode ser um pouco problemático, porque esse depois pode já ser um pouco tarde demais para alguns.

Cada criança é um ser individual, com mundos interiores diferentes, cada uma delas vai se expressar e interpretar uma determinada leitura, uma ilustração de uma forma própria. Contudo, a uma certa tendência pedagógica que tenta colocar tudo em uma caixa, como se todos os alunos precisassem e devessem ver a Literatura de uma mesma maneira, a educação tem nutrido um certo desprezo por tudo aquilo que é subjetivo e inefável. Assim,

atrevo-me a pensar que há um pouco de arrogância nesse equívoco. Porque, em nossa concepção de ensino, pede-se ao professor que seja capaz de controlar, planificar, e avaliar processos de aprendizagem, durante todas as etapas, do princípio ao fim, sem que nada fuja do controle (REYS. 2021, p.21)

Com relação a essa visão autoritária sobre as crianças, Paulo Freire apresenta uma perspectiva oposta em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2020), na qual ele se opõe a como essa criança deve ser vista. O autor abomina completamente a metodologia que limita os alunos, e faz com que as crianças sejam recipientes que apenas recebem um determinado conteúdo no qual o professor(o) professor(a) que é autoridade máxima aplica às crianças. Portanto, nessa relação podemos ver de forma bem explícita a ideia que o educador Paulo Freire traz em sua obra, excluindo a visão autoritária que muitas Literaturas Infantis têm sobre a criança, desde os primeiros livros destinados a elas, fazendo assim com que a criança se torne um aprendiz passivo.

Contudo, devemos como profissionais da educação, ter em mente que as crianças precisam dialogar com a Literatura e com a professora que promove esses momentos literários em sala ou fora dela. Essa criança juntamente com a educadora devem ter um entrelace ao dialogar, essa conversa entre Literaturas deve ser uma via de mão dupla em que o professor explana a Literatura mas deixe a criança completamente à vontade para intervir e mostrar a sua visão acerca dos meios literários ou da mesma imagem da Literatura, e muitas vezes essa criança vai trazer algo ainda não visualizado pelo educador, se este docente tiver em mente que a criança não é inferior e que ela tem muito a compartilhar, sobre seus olhares e visões de mundo, o momento com a Literatura vai se tornar muito mais leve e divertido.

Todavia, sabemos que em muitas escolas o texto sempre é tomado como um recurso didático para desenvolver atividades dentro de sala de aula, trazendo sempre esse caráter instrumental. Portanto, somente a partir do século 19 com o romantismo, que privilegia a emoção sob a razão, que a Literatura com caráter moralizante ou pedagogizante, abre espaço a obras como *Alice no País das Maravilhas*, *Robson Crusoe*, *As viagens de Gulliver* entre outras que se opõem ao Iluminismo racionalista, pois valorizam o sonho, a emoção e a fantasia.

3.2 MAIS ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL

A experiência é algo bem importante na Literatura Infantil já que é por meio dela que a criança perpassa o universo literário. A Leitura Literária tem a ideia de movimento, ou seja, possui a perspectiva de ida e volta e dessa forma produz efeitos em todos os sentidos. A experiência que a criança vai vivenciar com o livro vai ser subjetiva. De acordo com Larrosa, “o princípio da subjetividade” supõe também que não há experiência de ninguém, que a experiência é sempre experiência de alguém ou, dito de outro modo, que a experiência é para cada um, a sua, que cada um faz ou padece sua própria experiência, e isso de um modo único, singular e particular próprio (Larrosa, 2011, p. 7). Contudo, a leitura não precisa ser somente a compreensão de textos, pois além de uma prática que consiste, basicamente na compreensão de textos, a leitura pode ser uma experiência. Uma experiência de linguagem uma experiência de pensamento, e também uma experiência sensível, emocional, uma experiência em que está em um jogo nossa sensibilidade, isso que chamamos "sentimentos" (Larrosa, 2011, p. 9). A leitura assim como a criança é singular. Como cada criança é única e vai ter percepções e formas únicas de se expressar e existir no mundo, os textos e os livros

também o são. O que um sujeito ler não vai ser o mesmo que o outro, mesmo eles lendo por exemplo um mesmo poema "Se todos lemos um poema, o poema é sem dúvida, o mesmo, porém a leitura em cada caso é diferente, singular para cada um". (Larrosa, 2011, p. 16) Dessa maneira, cada criança é única, sendo assim cada leitura vai ser particular.

É importante destacar aqui a importância dos fatos históricos, no contexto das produções literárias para crianças, ocorridos na década de 1970 quando alguns autores e algumas autoras começaram a reivindicar que suas obras fossem vistas como objetos estéticos, esses mesmo autores questionavam valores como preconceito, poder, individualismo, entretanto, os seus livros oscilavam entre o utilitário e o estético, que também ficou conhecido como utilitário às avessas, como Raul da *Ferrugem azul* de Ana Maria Machado e *Marcelo Marmelo Martelo* de Ruth Rocha, além de outros que também privilegiaram o caráter estético como *Bisa Bia Bisa Bel* de Ana Maria Machado, *Os que os olhos não veem* de Ruth Rocha, *Corda Bamba* de Ligia Bojunga, *O misterioso rapto da flor de Sereno* de Haroldo Bruno, *Flicts* de Ziraldo, *Asdrúbal* de Elvira Vigna de Haroldo Bruno e *Uma ideia toda Azul* de Marina Colasanti. Portanto, mesmo com todas essas obras mencionadas anteriormente, que tem a sua importância é o livro *O Caneco de Prata* de João Carlos Marinho, se torna um divisor de água e marca o discurso entre o estético e o utilitário, assim o estético ressignifica o utilitário.

Entretanto, foi somente em meio aos bibliotecários que se inicia o discurso da leitura como um ato livre por simples prazer, ou seja, como algo realmente relacionado à arte e à estética, a partir desta visão da Literatura começou-se também a perceber a necessidade de definir critérios para a seleção de livros infantis o que provocou os primeiros estudos sobre Literatura Infantil e Juvenil por parte de Soriano o que denominou a primeira onda. As primeiras bibliotecas a surgirem foram as francesas, britânicas e norte americanas, em 1880 com Birkenhead quando foi reservada a primeira sala de leitura para crianças. Dando continuidade a partir da segunda guerra continua e aumenta a reflexão e a avaliação dos livros e a extensão de bibliotecas públicas que já eram concretas em alguns países. Os primeiros estudos realizados no setor bibliotecário nasceram a partir da preocupação de selecionar e difundir os livros para crianças e jovens. Todavia, entendemos que é de grande importância existirem as bibliotecas nas escolas. Assim, os professores e os demais colaboradores precisam entender e discutir por meio de formações o acesso, a frequência e o acompanhamento dos alunos para que haja prazer na leitura.

A Espanha foi uma das precursoras dos estudos no meio da Literatura Infantil. Em 1918 na Catalunha já existiam algumas sessões infantis nas bibliotecas, as escolas e as bibliotecas neste país sempre incentivaram a leitura para as crianças. Os intercâmbios e os congressos além das publicações da Literatura Infantil e juvenil receberam um grande impulso que cooperou para que os muitos avanços nessa área na Espanha acontecessem. Contudo, o crescimento editorial do livro infantil e juvenil exerceu uma forte pressão para o aparecimento de todo tipo de material. Nas décadas de 1960 e 1970 a ênfase era na entrada de livros na escola, já no final da década de 1980 começou a se levantar algumas vozes de maneira mais radical para se defender uma leitura livre e sem obrigações escolares. A segunda preocupação em relação à Literatura Infantil foi realizar alguns estudos bibliográficos de Literatura Infantil. Atualmente as obras descrevem o progresso evolutivo, pretendendo assim revisar a história construída até o momento. Trata-se de obras que a partir de perspectivas específicas questionam os padrões históricos estabelecidos e promovem polêmica nesses meios.

A Literatura Infantil sempre se desenvolveu em duas funções, a literária e a educativa. Uns dos primeiros pontos estudados pelos teóricos foi sobre, se os livros infantis podiam ser considerados Literatura, algum teórico era partidário da ideia da inexistência da Literatura infantil como Benedetto Croce como também Rico de Alba. A Literatura Infantil era considerada um texto menor, já que era um texto menos desviado da norma, menos que um poema vanguardista, para muitos estudiosos os professores para avaliar a Literatura infantil e adultos devem ser os mesmos, essa ideia se perpetua até nos dias de hoje.

Relacionando os pontos anteriores que os autores que legitimam a sua própria cultura, se aplicam a estabelecer uma hierarquia literária, isso é, um corpus utilizado para a Literatura para adultos, esses critérios eram baseados em qualidade literária. No entanto, outros autores avaliam apenas a partir da experiência dos livros que agradam as crianças. Os livros são escritos, escolhidos e avaliados por todos aqueles que têm algum tipo de poder sobre a criança, sejam pais, professores, contadores. Essa ideia de incluir a criança no processo vem ganhando reconhecimento e importância de forma gradual.

Teresa Colomer pontua em seu livro: *A formação do leitor literário* (2023) que duas posições dos anglo saxões que tem uma importância na Literatura que são os Book people, que são os autores preocupados em buscar os melhores critérios para separar a verdadeira Literatura do material de leitura e os Children People, que são setores que acostumados a lidar com o público infantil e com seu desenvolvimento psicológico, assinalam que o book

people não ignora que os leitores são crianças, mas só simplesmente considera irrelevante suas opiniões sobre livros. O Children People prefere centrar-se no leitor,

a literatura infantil entendendo-se por esta expressão uma obra estética destinada ao público infantil é (...) um fenômeno relativamente recente que nasce da conversão posterior dos contos de fadas, de origem popular em material de literatura infantil, fenômeno que não se produziu de maneira definitiva até o século XIX" (1985: 16 - 17) (Colomer, 2003, p. 56).

Portanto, concluimos que a criança e o seu olhar sobre a Literatura Infantil precisa ser apreciado e valorizado, entendendo também que cada leitura será singular como também plural, já que vamos ter as mais variadas visões acerca de uma mesma história lida ou escutada.

4 BREVE ANÁLISE COMPARATIVA DE ALGUMAS OBRAS LITERÁRIAS INFANTIS

Este capítulo apresenta uma breve comparação entre obras literárias direcionadas a crianças. Em um primeiro momento, são destacadas duas obras representativas dos chamados contos de fada, bastante conhecidos a partir das contribuições dos Irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen. Esses contos apresentam uma forte carga moralizante, em comparação com as obras apresentadas no segundo tópico, de autoria de Eva Furnari (2017), Bell Hooks (2018) e Chloé Legeay (2012), respectivamente. Em seguida, será discutida a questão da escolarização da Literatura Infantil por meio da leitura de tais obras, considerando que elas são importantes de serem consideradas para além de sua carga moral, como acontece com os dois contos apresentados.

4.1 “CHAPEUZINHO VERMELHO” E O *PATINHO FEIO*: COMO SE TORNA FÁCIL MORALIZAR A LEITURA LITERÁRIA

“Chapeuzinho Vermelho”, é um conto de fada coletado pelos Irmãos Grimm, no qual uma menina amada por todos e principalmente pela sua avó que a presenteou com um chapeuzinho de veludo vermelho. Chapeuzinho gostou tanto desse chapéu que nunca quis usar outro, por isso ficou conhecida como “Chapeuzinho Vermelho”. Certa vez, a mãe disse a ela:

Pegue esta fatia de bolo e a garrafa de vinho e leve até a casa da vovó, que está fraca e doente. Ela vai gostar. Seja boazinha e mande lembranças a ela. Ande direitinho e não desvie do caminho, senão você vai cair e quebrar a garrafa, e sua avó ficara sem nada. (Grimm, 2018, p. 105).

Contudo, Chapeuzinho se deparou com o lobo que a acompanhou por um longo percurso fazendo várias perguntas na qual Chapeuzinho com sua inocência respondia a todas, pois não fazia ideia de que se tratava de animal perigoso. Dessa forma, o lobo a fez se desviar do caminho no qual a sua mãe tinha a orientado, e assim o lobo conseguiu chegar na casa da sua avó antes dela. Assim que chegou na casa, pulou na cama e comeu a vovó, pegou suas roupas e fingiu ser ela. Quando Chapeuzinho chegou na casa da sua avó teve uma sensação estranha, mas não suspeitou de nada. Começou a questionar o lobo que estava com as roupas da vovó. Depois de muitos questionamentos, também engoliu a Chapeuzinho.

Depois de ter comido as duas o lobo voltou para a cama e começou a roncar fazendo um barulho muito grande, um caçador passava em frente e achou estranho uma vovó roncar

tão alto decidiu verificar. Assim que viu que era o lobo entrou na casa e o matou, salvando a menina e a sua avó. Por fim,

o caçador tirou a pele do lobo, a avó comeu o bolo e bebeu o vinho que a neta levava, e chapeuzinho vermelho, que estava feliz por ter escapado, prometeu a si mesma: "De agora em diante, não vou mais sair do caminho nem entrar em floresta sozinha, quando a minha mãe não deixar " (Grimm, 2018, p. 107).

A partir dos trechos retirados da história de “Chapeuzinho Vermelho”, podemos perceber que há uma forte carga moral sobre a obediência, nos trechos: “Seja boazinha e mande lembranças a ela. Ande direitinho e não desvie do caminho, senão você vai cair e quebrar a garrafa, e a sua vó ficará sem nada” (Grimm, 2018, p. 105) como também no trecho "De agora em diante, não vou mais sair do caminho nem entrar em floresta sozinha, quando a minha mãe não deixar " (Grimm, 2018, p. 107) , mostra que a menina por esse motivo é enganada pelo lobo, que acabava devorando a sua avó já no final história, e assim as crianças são ensinadas que a obediência aos pais é algo de valor, e a desobediência pode levar a caminhos perigosos.

O Patinho Feio é outro conto de fadas que serve de exemplo para esta apresentação. Escrito por Hans Christian Andersen, essa história foi uma das primeiras a traduzirem de forma direta um pouco da sua infância. A maior parte de suas histórias são tristes e delicadas, mostrando o lado mais difícil da vida, *O Patinho Feio* é a sua principal marca. A história do Patinho Feio tem o intuito de ensinar que não devemos julgar quem é diferente de nós, aceitando as diferenças e entendendo que cada beleza é singular. A história do Patinho Feio se passa em meio a um lago, no qual a sua mamãe sempre nadava. Ela esperava os seus ovos chocarem. Enquanto todos se abriram, o do Patinho Feio demorou um pouco mais,

por fim o ovo grande se partiu. Piu! Piu! Disse o bichinho, e capotou para fora da casca. Era muito grande e feio. A pata olhou para ele e disse: que patinho enorme! Nem um dos meus outros filhos se parece com ele! Mas peruzinho e que não é! Bom, logo a gente descobre! Porque ele vai entrar na água, nem que eu seja obrigada a empurrá-lo a pontapés! (Andersen, 2017, p. 73).

A história continua em meio a vários julgamentos, pois a maior parte dos animais presentes não conseguem aceitar as diferenças. Uma das falas em que essa não aceitação é mostrada é:

Seus filhos são muito bonitos, senhora! disse a velha pata com a fitinha na perna. Todos são bonitos, fora aquele ali, aquele não deu muito certo! Pena que a senhora não pode fazê-lo de novo! Isso é impossível, Excelência! disse mamãe pata. Ele não é bonito, mas tem boa índole e nada tão bem

quanto todos os outros, inclusive se permite, um pouco melhor. Com certeza vai ficar bonito quando crescer, ou quem sabe com o tempo fique um pouco menor! (Andersen, 2017, p 75).

Podemos compreender também de acordo com a citação anterior que a bondade significa mais que a beleza, pois a aparência pode mudar e um bom coração é para sempre.

Podem me matar! disse o pobre animal, inclinando a cabeça para a água à espera da morte. Mas o que ele viu na água límpida?! Abaixo de si, viu sua própria imagem, só que ela não era mais a imagem de um pássaro desajeitado, cinza – escuro, feio e repelente: ele era um Cisne! (Andersen, 2017, p. 88).

Assim, ao final da história todos são surpreendidos, inclusive o próprio patinho, quando se torna um cisne. Assim, encontramos a moralidade sobre o não julgar pela aparência, pois ao final da história o patinho que era visto como desajeitado se mostra como um grande e majestoso cisne. Deste modo, o que faz com que seja comum, em um processo de escolarização da leitura, esses textos passem a ser lidos muito mais para fins didáticos, deixando de lado outras questões que poderiam ser mais consideradas, como o estímulo à imaginação, à criação de cenários e personagens, à capacidade de compreender narrativas de sentido metafórico, por exemplo.

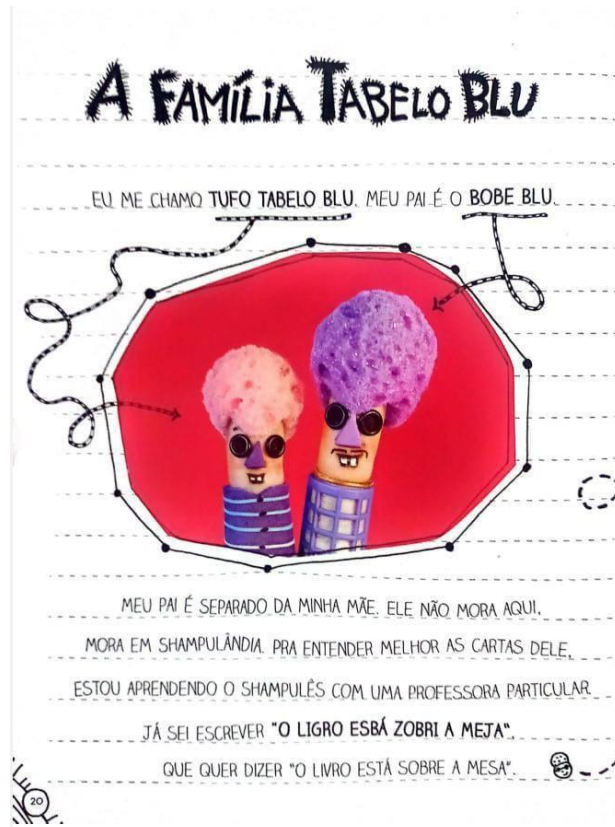
4.2 TRÊS OBRAS CONTEMPORÂNEAS DA LITERATURA INFANTIL PARA UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA MAIS AMPLA

“*Drufts*” (2016) é um livro da autora Eva Furnari (2017), da Editora Moderna, essa obra da Literatura Infantil ganhou o prêmio literário Biblioteca Nacional - categoria Literatura Infantil, 2017. A autora e ilustradora dedica a obra a sua família. Inicialmente no livro ela relata quem são os Drufts, que são seres parecidos com a gente só que menores, eles vivem em outro mundo, contudo esse mundo também tem escola, professor, aluno e lição de casa e várias famílias.

A professora na história se chama Rubi, e ela possui 16 alunos, que são o Tustu, Zizi, Fifi, Pipoco, Tico, Bijú, Veifou, Dô, Dinho, Tufo, Grebs, Elezbet, Tule, Tatinca, Nhifi e Nii. A professora traz uma tarefa interessante para seus alunos, que está em tirar foto com a sua família e escrever coisinhas interessantes ou desinteressantes sobre a mesma, podendo ser algo dramático, patético ou poético, o que seus alunos quisessem, valia também algo inventado. A professora Rubi achou tão adorável o resultado da tarefa que guardou com carinho o trabalho dos seus 16 alunos, que no livro é destrinchado. Os alunos da professora escrevem sobre suas próprias famílias, cada um dos 16 alunos mostra como é sua família,

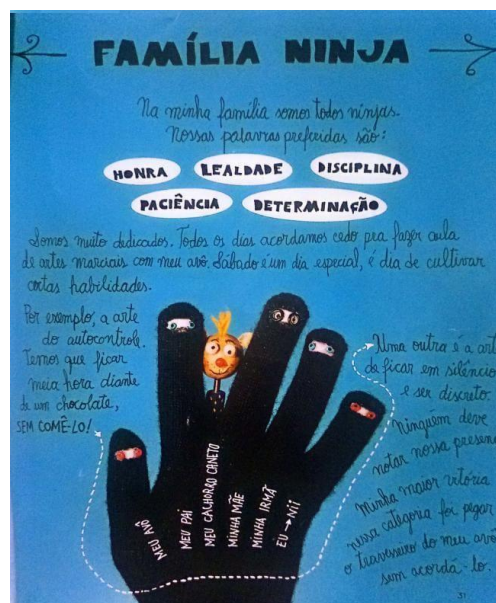
quais são seus gostos e suas manias, o nome dos integrantes, suas atividades favoritas, se são estressados ou calmos, entre tantos outros detalhes.

Figura 1 - Drufs 1



(Furnnari, 2017, p. 20)

Figura 2 - Drufs 2



(Furnari, 2017, p. 31)

Figura 3 - Drufs 3



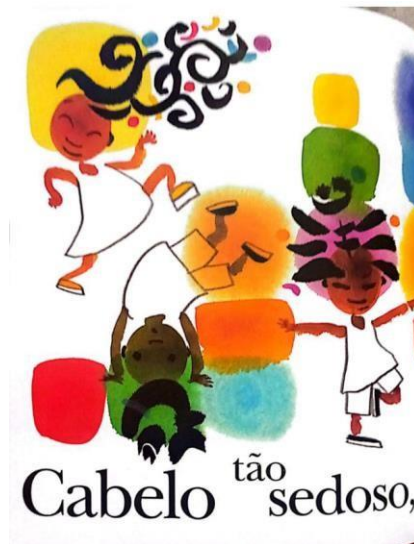
(Furnari, 2017, p. 15)

As figuras 1, 2 e 3 mostram os diversos materiais usados pela autora de *Drufs*, mostrando como cada personagem foi construído. Da maneira mais detalhada possível cada personagem é construído, não só pelas suas características e formas de ser como também a sua parte mais estrutural que foi feita com os materiais mais diferenciados possíveis, assim cada um dos personagens, e cada família foi pensada da forma mais especial possível, além do nome dos seus integrantes serem bem divertidos. Cada família é mostrada de forma bem singular o que faz as crianças se identificarem com os personagens, e assim Eva Furnari finaliza o seu livro, com muita originalidade e autenticidade e muita diversão.

Já a obra *Meu Crespo é de Rainha* (2018), de Bell Hooks (2018), foi publicada pela primeira vez em 1999, a primeira publicação veio em forma de um poema rimado e ilustrado. O intuito dessa obra é apresentar de uma forma leve e positiva vários penteados e formas divertidas de brincar com o cabelo para as meninas brasileiras, em especial as garotas negras que podem sofrer ainda mais pela falta de representatividade nas mídias e na cultura brasileira

de uma forma geral. Dessa forma, *Meu Crespo é de Rainha* vem enaltecer a beleza negra. Por meio da leitura literária.

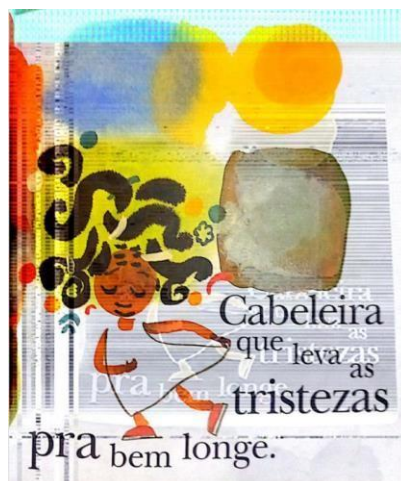
Figura 4 - Meu crespo é de rainha (2018)



(Hooks, 2018, p. 13)

A imagem 4 nos mostra que cabelos afros também podem ser sedosos de uma forma leve, cheia de energia e colorido em suas ilustrações, um tema muitas vezes tão difícil para algumas meninas se torna leve e divertido por meio das páginas de: *Meu Crespo é de Rainha*.

Figura 5 - Meu Crespo é de Rainha 2 (2018)

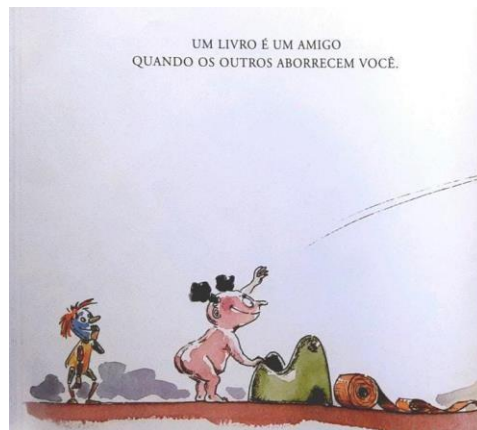


(Hooks, 2018, p. 16)

Já a figura 5 nos traz um pouco de sentimento, uma imagem alegre e divertida onde uma menina dança e se diverte de forma feliz com seu cabelo, mostrando o poder do seu cabelo levar toda a tristeza para bem longe.

Outra obra que merece atenção é *Para Que Serve um Livro?* (2012), escrita e ilustrada por Chloé Legeay (2012) e traduzida por Marcia Leite. Foi publicada em 11 de novembro, o contato com o livro proporciona uma leitura literária que envolve muitas indagações, a principal dela está na capa, no título do livro, com uma indagação para quem está lendo que é: *Para que serve um livro?* no decorrer da leitura são apresentas possíveis respostas. O autor traz uma polivalência no decorrer da história, reverência ao livro ao mesmo tempo em que é irreverente com ele.

Figura 6 - *Para Que Serve um Livro?* (2012)



(Legeay, 2012, p. 5)

Figura 7 - *Para Que Serve um Livro?* (2012)



(Legeay, 2012, p. 6)

A figura 7 e a figura 8 apresentam duas crianças, uma, maior, com o livro tentando fazer a sua leitura, e a menor sendo completamente irreverente com o objeto livro. Podemos observar que as duas respostas são completamente diferentes para a pergunta inicial que o livro faz, contudo, tudo é colocado de forma leve e divertida pelo autor que brinca com as palavras e as ilustrações postas nele.

A experiência da leitura literária da obra: *Para Que Serve um Livro?* e feita por meio do entrelace de imagem e texto, em que a autora convida o leitor a refletir sobre o questionamento inicial que é o título do livro. A apreciação estética toma forma quando o leitor brinca com as palavras e com as imagens e se diverte ao mesmo tempo em que se faz uma pergunta tão reflexiva, que apesar da reflexão parecer tão séria, no decorrer das páginas a seriedade em relação ao livro é quebrada com um dos personagens, que fez inúmeras coisas com o livro, além da leitura. Para que exista uma escolarização adequada é preciso que o professor conduza as práticas de leitura da forma mais leve e lúdica possível, pois se a escolarização é feita de forma deturpada, ela permite que a criança crie aversão e resistências ao livro e à leitura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do panorama exposto pela pesquisa, podemos observar que a Literatura Infantil se apresenta no primeiro momento na Europa e no Brasil expondo o panorama histórico, com alguns compiladores e escritores como Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen que expõem uma Literatura coletada a partir do que circulava nas camadas mais pobres da sociedade coletada pela plebe e assim sofre adaptações por esses escritores para que assim pudesse chegar até as crianças das classes mais favorecidas. Contudo, a moral é algo que prevalece nas histórias, já que o intuito era ensinar os costumes e os valores da época. Ao chegar no Brasil a Literatura Infantil sofre adaptações novamente, já que os livros infantis eram na sua maior parte europeizados, as obras se apresentavam com forte teor moralizante, com o intuito de ensinar sobre os bons costumes, obediência e o patriotismo. Assim, com a expansão de uma das principais instituições, que é escola, a Literatura cresce como também os programas de expansão e nacionalização das temáticas envolvidas.

Dando continuidade ao trabalho, o capítulo dois apresenta por meio de autoras como Magda Soares a escolarização da Literatura Infantil e como a Leitura Literária é realizada de forma equivocada em nosso país, tratando a Literatura de forma utilitária o que acaba fugindo de um olhar mais estético, sensível e divertido para o texto. Neste capítulo, discutimos que a experiência da Leitura Literária pode ser bastante proveitosa por se tratar de uma experiência estética e não apenas moralizante. É neste mesmo capítulo que é dialogado sobre esses dois olhares tanto o moral quanto o estético. (Soares, 2011)

A partir desse ponto do texto podemos compreender que não podemos ignorar que existe uma Literatura que moraliza as crianças dentro da escola, pois muitos livros infantis realmente trazem ensinamentos, contudo o professor precisa compreender o seu importante papel de ponte entre a criança e o mundo literário, para que mesmo que a Literatura traga aspectos moralizantes, o foco não esteja nesse ponto do texto e sim na sua estesia.

O terceiro capítulo é a culminância deste trabalho, na medida em que expõe trechos de obras literárias produzidas para crianças, em épocas distintas, apresentando potencialidades de sua exploração de leitura de maneira diversa, como foi mencionado, não se restringindo aos aspectos moralizantes. Se “Chapeuzinho Vermelho” e “O Patinho Feio” ainda podem ser vistos como contos que privilegiam o ensinar comportamentos às crianças, podemos dizer que *Drufs, Meu Crespo é de Rainha e Para Que Serve um Livro?* apresentam outras questões a serem consideradas, tais como o fato de apenas apresentarem cenários que levam a uma

leitura mais lúdica e menos moralizante, como o fato de que trazem ilustrações, o que leva a possibilidades muito mais amplas de leituras diversas.

Concluimos que tanto os contos de fada quanto as obras contemporâneas apresentadas podem tornar possível uma escolarização adequada e isso depende muito mais do interesse de quem for realizar a mediação literária. Mesmo sendo claro que os contos trazem um peso moral, podemos dizer que toda leitura literária, para crianças ou para adultos, sempre está para além da moral.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, C. H. **O Patinho Feio**. São Paulo: Editora 34. 2017.

BORTOLANZA, Ana. **O texto sedutor na literatura: apontamentos para uma leitura da literatura infantil brasileira contemporânea**. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7402>. Acesso em: 5 set. 2023.

BRASIL. Ministério da educação. **Base Nacional comum curricular**. Brasília: Mec, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: abr 5. 2024.

CADERMATORI, L. **O que é a Literatura Infantil**. São Paulo. Editora Brasiliense. 2010.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário**. São Paulo. Global Editora. 2023.

FURNARI, E. **Drufts**. São Paulo. Editora Moderna. 2016.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro**. São Paulo. Paz e Terra, 2020.

HOOKS, B. **Meu crespo é de rainha**. São Paulo: Boitatá. 2018.

LAJOLO, M. ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias & Histórias**. São Paulo. Editora Ática, 2007.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acesso em: jul 22. 2023.

LEGEAY, C. **Para que serve um livro?** {Tradução de: Márcia Leite}. Bélgica: Pulo do gato, 2012.

PAULA CRISTINA LOPES. **Literatura e linguagem literária**. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-literatura.pdf>

MEIRELES, C. **Problemas da Literatura Infantil**. Global editora. São Paulo, 2016.

NUNES, Myllena. GOMES, Priscila. **A importância das ilustrações na literatura infantil e a necessidade de formação de leitores de imagens**. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlije/2014/Modalidade_4datahora_25_05_2014_20_31_46_idinscrito_749_9f936bc81d2934c6a012434583e5329a.pdf. Acesso em: 08 de fev. 2024.

PASSOLATO, L; BRONZATTO, M. **As transformações dos Contos de Fadas e o Surgimento da Infância**. Revista Eletrônica Saberes da educação. Local. v. 5, n. 1, 2014. Disponível em: https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Luciana.pdf. Acesso em: 6 dez. 2023.

MARTINS, Mirian; PICOSQUE, Gisa. Revelações do corpo: estesia. conhecimento. In: MARTINS, Mirian; PICOSQUE, Gisa **Mediação cultural para professores andarilhos na**

cultura. Editora intermeios, 2012. .33 - 38. Disponível em:
https://www.academia.edu/37469786/Revelacoes_do_corpo_estesia_conhecimento_Gisa_Pic osque_Mirian_Ce. Acesso em: 20 out. 2023.

REYS, Y. **Ler e Brincar, tecer e cantar: literatura escrita e educação.** {tradução de: Rodrigo Petronio} São Paulo. Editora Pulo do Gato, 2021.

SOARES, M. **A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil.** In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B; MACHADO, M. Z. V (Orgs). *Escarolarização da Leitura Literária.* 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Disponível em:
<https://pt.scribd.com/document/348662978/A-ESCOLARIZACAO-DA-LITERATURA-INFANTIL-E-JUVENIL-completo-pdf>
 Acesso em: 13 mar. 2024.

TOCATINS, Andreia. FERREIRA, Rosângela. **A literatura infantil no discurso educacional na década de 1930: Cecília Meireles e a criança leitora.** Disponível em: A HYPERLINK "<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/585>" HYPERLINK "<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/585>" LITERATURA INFANTIL NO DISCURSO EDUCACIONAL DA DÉCADA DE 1930: HYPERLINK "<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/585>" HYPERLINK "<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/585>" CECÍLIA MEIRELES E A CRIANÇA LEITORA | TOCANTINS | VERBO DE MINAS HYPERLINK "<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/585>" (uniacademia.edu.br) HYPERLINK "<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/585>"

WILHELM, J. GRIMM. **Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos** [1812 - 1825]. São Paulo: Editora 34, 2018.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura Infantil Brasileira.** Rio de Janeiro. Editora Eletrônica Futura, 2005.